

EPISTEMOLOGIA E HERMENÊUTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO¹

Fabia Faria da Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-8391-2376>

Universidade de Uberaba, Brasil.

fabiaufu@gmail.com

Bolsista da CAPES/PROSUP/TAXA

Jonalvo Absair Lopes³

<https://orcid.org/0000-0002-3339-1779>

Universidade de Uberaba, Brasil.

jonalvolopes@gmail.com

Escola Nacional da Defensoria Pública da União – ENA-DPU

INTRODUÇÃO

Epistemologia é a teoria do conhecimento. Não se pretende, neste capítulo, fazer uma discussão ampliada sobre epistemologia, mas sim apresentar algumas teorias que são importantes para o entendimento do tema a partir de filósofos que produziram algumas delas desde a antigui-

¹DOI - 10.29388/978-65-81417-97-0-0-f.117-140

²Aluna bolsista do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Uberaba (UNIUBE), (2022-2026). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

³Aluno do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Uberaba (UNIUBE), (2022-2025), com apoio financeiro Escola Nacional da Defensoria Pública da União – ENADPU.

dade à contemporaneidade.

O conhecimento de epistemologia é essencial para o professor pesquisador, uma vez que ele necessita construir conceitos sobre o que é conhecimento e como se conhece, para assim, delinear e conduzir seu processo investigativo, garantindo uma boa qualidade na pesquisa científica “Na formação o professor pesquisador precisa enfrentar o desafio da formação epistemológica e refletir sobre os olhares epistemológicos para compreender a realidade” (CAVALCANTI, 2014, p. 983)

Logo, apresentamos inicialmente alguns pensadores da epistemologia e a importância dela na formação do professor pesquisador. Este é essencial para o desenvolvimento da ciência como um todo, visto que é através dele que são geradas novas ideias e conhecimentos. É importante discutir sobre o uso da hermenêutica como instrumento da pesquisa científica, possibilitando assim uma maior abrangência na análise dos fenômenos estudados.

A construção deste trabalho partiu da investigação teórico crítica de artigos e livros estudados ao longo da disciplina de Doutorado “Epistemologia e Pesquisa em Educação” e tem como objetivo promover uma reflexão de graduandos e pós-graduandos sobre a importância da formação epistemológica do pesquisador em ciências humanas e apresentar a hermenêutica como instrumento da pesquisa científica.

O PROFESSOR PESQUISADOR EM CIÊNCIAS HUMANAS E A EPISTEMOLOGIA

O estudo da epistemologia deveria preceder, a qualquer estudo, na formação de professores pesquisadores da educação, uma vez que compreender o que é conhecimento e como conhecemos um objeto é um princípio básico de qualquer processo investigativo. Esse estudo permite

aos professores refletirem sobre o próprio processo de construção do conhecimento, possibilitando-lhes uma maior consciência dos debates atuais acerca desse tema. A epistemologia constitui-se, portanto, num campo importante para a reflexão acerca da pesquisa em educação, especialmente no que se refere à problematização do objeto de estudo dessa área.

Optamos inicialmente por fazermos uma rápida apresentação das principais ideias filosóficas do conhecimento para facilitar a compreensão de como se deu esse processo ao longo do tempo. A preocupação com o como se conhece e o que é verdade existe desde a antiguidade. Desde essa época, os filósofos estudavam e levantavam teorias sobre a questão do conhecimento “[...] por meio de uma relação direta ou indireta do sujeito consciente com uma porção da realidade com o qual o conhecedor está relacionado.” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 153).

No universo de produções científicas sobre o conhecimento existem consensos e dissensos dos filósofos sobre possibilidades, origem, essência e tipos de conhecimento. Como já dissemos, para conhecer é necessário existir uma relação entre sujeito e objeto. O sujeito é o que conhece e o objeto é o que é conhecido. Defendemos que conhecer é quando estabelecemos uma verdade. Sobre o critério de verdade, Hessen (2003) diz que ela é transcendental quando existe uma concordância entre o conteúdo do pensamento com o objeto de estudo e imanente quando não existe a relação do conteúdo do pensamento com algo e sim no interior do próprio pensamento.

Estas questões sobre o que é conhecimento e o que é verdade são muito discutidas pelos filósofos. Para os contemporâneos não existe uma verdade única, universal, existem várias verdades. Consideramos esse pensamento contemporâneo quase um ceticismo porque, a partir do momento que começamos a aceitar tudo como verdade, podemos perder

referenciais importantes e a pesquisa científica perder sua autoridade.

Isso fica evidente quando fazemos um percurso histórico filosófico da antiguidade à contemporaneidade. Para isso tomamos como base o livro *Textos Básicos de Filosofia dos pré-socráticos a Wittgenstein*, de Danilo Marcondes (2007) e algumas traduções das obras de Kant, Platão e Aristóteles.

Na antiguidade, os pré-socráticos foram os primeiros pensadores que se preocuparam em desenvolver formas para compreender e explicar a realidade, estudando as causas dos fenômenos da natureza, rompendo com o misticismo da época (MARCONDES, 2007). Segundo Platão, discípulo de Sócrates, o conhecimento era adquirido por “[...] um processo de discussão real por meio de pergunta e resposta entre duas pessoas ou da própria pessoa com sua alma para chegar ao saber filosófico.” (PLATÃO, 1949, p. XXXIII). Já Aristóteles, outro filósofo medieval discípulo de Platão, teorizou em sua obra *Metafísica* que o saber e o entender sejam mais próprios da arte do que da experiência, pois a sapiência se relaciona à capacidade de conhecermos as causas e o seu porquê (ARISTÓTELES, 2002), sendo assim eu tenho que sentir para conhecer.

Há que se ressaltar, porém, que Aristóteles não acreditava na existência de dois mundos como Platão e sim defendia a teoria do ato (o ser) e potência (meu ser se transforma), a atualidade do ser em ato e a potência é o vir a ser. Ele também falou da teoria das quatro causas que é algo que gira na teoria do ato e potência: material (do que o ser é feito), eficiente (agente transformador), formal (forma do ser), característica específica do ser (individualiza a matéria) e causa final (finalidade do ser). (ARISTÓTELES, 2002).

Na Idade Média, Santo Agostinho foi um importante filósofo que defendia que o conhecimento provinha da iluminação divina. Deus

iluminava as pessoas para que elas encontrassem a verdade (MARCONDES, 2007). Essa crença influenciou diversos pensadores da época e ainda hoje é considerada uma das teorias mais interessantes sobre o conhecimento humano.

Quando contextualizamos os acontecimentos históricos com o pensamento dos filósofos observamos que o que se teoriza como verdade é fundamentado no período histórico, o que nos possibilita observar que o que é tido como verdade é guiado pelos acontecimentos históricos e o conhecimento científico vai se desenvolvendo de acordo com os problemas que se apresentam em cada época.

Dessa forma, podemos perceber que a visão de mundo de um povo está ligada às suas crenças e tradições.

Com isso em mente podemos questionar até onde vai a influência da cultura na construção do conhecimento. Por exemplo, na época, em que Santo Agostinho defendeu a verdade como fé cristã, o poder da igreja estava se enfraquecendo e seu pensamento filosófico contribuiu para o fortalecimento da fé e conseqüentemente o fortalecimento da igreja. Será que ciência é uma estratégia de poder? Não discutiremos essa questão, pois o foco é apresentarmos os pensamentos filosóficos, mas é válida uma reflexão neste sentido. Ao analisarmos as palavras de Santo Agostinho podemos perceber que sua filosofia era capaz de influenciar as pessoas e mudar a sociedade.

A partir do século XV, houve uma transição na forma de pensar o conhecimento. Na Idade Moderna, surgiram duas correntes de pensamento: o empirismo e o racionalismo. Os pensamentos filosóficos ora se opunham ora se complementavam. Os pensadores John Locke e David Hume acreditavam que se podia conhecer a verdade por meio da experiência, portanto, o conhecimento era adquirido através das experiências,

das nossas percepções.

Descartes defendia o racionalismo, ou seja, chegaríamos à verdade por meio de métodos sistematizados e rigorosos. Ele “[...] contribuiu para a questão da fundamentação da ciência como problema central, enfatizando a discussão da metodologia científica, abriu caminho para a matematização da natureza.” (MARCONDES, 2007, p. 73).

Para o pensador moderno Emanuel Kant, o conhecimento provém da experiência e da razão, “[...] provém de duas fontes fundamentais do espírito: do recebimento das representações (objeto) e da nossa capacidade de conhecer o objeto representado (espontaneidade dos conceitos). A intuição e os conceitos são elementos interdependentes constituintes do conhecimento.” (KANT, 2001, p. 114).

Já Augusto Comte, fundador do Positivismo, defendia que o método tinha primazia sobre a verdade. Segundo ele, o conhecimento seria obtido através da observação e experimentação. Isso significava que os cientistas deveriam basear seus estudos em fatos e observáveis, sem levar em conta as opiniões pessoais.

Para Hegel, crítico de Kant, “[...] a filosofia deve examinar a consciência como resultado de um processo de formação, mas de seu lugar na história, já que é formada pela cultura a que pertence.” (MARCONDES, 2007, p. 153), o conhecimento é um processo dialético⁴. Isso significa que ele sempre está em construção, se modificando a partir das experiências e dos debates.

Karl Marx, considerado pensador revolucionário, disse que co-

⁴ Processo dialético que se desenvolvia em etapas interligadas, caracterizadas em três momentos: tese, antítese e síntese. O primeiro momento seria o ser em si; o segundo momento o do ser extra e o terceiro momento a união das duas partes formando um todo para expurgar as imperfeições dos momentos anteriores. O conhecimento da realidade tinha a sua trajetória do abstrato para o concreto.

nhecimento é uma construção social. “A produção de ideias, de concepções, de consciência, é entrelaçada a atividade material dos homens, a linguagem da vida real.” (MARCONDES, 2007, p. 137).

E para finalizar nosso percurso, ideias de Wittgenstein na contemporaneidade afirmam que o conhecimento provém da busca do significado da linguagem em determinado contexto, para um determinado fim (MARCONDES, 2007). Nietzsche, por sua vez, formulou a filosofia que busca ser “afirmativa da vida” e valoriza a vontade rompendo com a tradição. Em seus escritos critica a moral e diz que verdades são ilusões (MARCONDES, 2007).

A partir de toda essa apresentação filosófica desde a antiguidade até a contemporaneidade sobre verdade, o que é verdade, o que é conhecimento, como se conhece é que na nossa percepção existe uma crise na ciência, crise social, crise de valores morais, colocamos isso como percepções, porque para afirmar tais questões precisaríamos de embasamentos científicos.

É o conhecimento que nos possibilita tomar atitudes de acordo com a verdade e é essa busca pela verdade que direciona as pesquisas e consequentemente o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, estudar epistemologia é essencial nessa busca de conhecimento científico

Como se conhece? Por meio da razão, é o chamado de racionalismo, “[...] o ponto de vista epistemológico que enxerga no pensamento, na razão, a principal fonte do conhecimento humano.” (HESSEN, 2003, p. 48). Já outros estudiosos afirmam que conhecemos alguma coisa por meio da experiência, portanto, a experiência é o fundamento do conhecimento humano, nossos conceitos e conteúdos provêm das nossas experiências. Ainda, outros filósofos afirmam que conhecemos tanto pela experiência quanto pela razão (HESSEN, 2003).

A contribuição da ciência perpassa por muitas etapas e encontra na filosofia a reflexão necessária à produção do conhecimento. A filosofia sempre teve em seu seio reflexivo o problema acerca do conhecimento ou, em outras palavras, o conhecimento enquanto um problema. O discurso filosófico emerge através do empenho racional na busca por determinar as representações do real (conhecimento) e, ao mesmo tempo, de questionar se a razão é capaz de conhecer tudo aquilo que é tido por real, que nos leva a refletir incessantemente se essas são realidades com naturezas distintas (MIRANDA, 2016).

Podemos perceber raízes históricas de busca pelo conhecimento. O professor pesquisador não pode produzir ciência de acordo com suas crenças, suas ideologias. A ciência é um processo que requer domínio de conceitos e teorias, conhecimento de regras, caminhos metodológicos para se produzir um conhecimento que seja válido e que tenha relevância social e acadêmica, é o que diferencia o saber científico do saber comum. É que o saber científico é um estudo sistemático de um objeto que produz resultados comprovados cientificamente, enquanto o saber comum trata-se de um conjunto de ideias da população carregado de ideias, cetismos, ideologias.

Ao investigar um objeto, o professor pesquisador adotará uma corrente filosófica, o método, os instrumentos, a forma de analisar os dados mais adequada para resolver sua problemática. Na maioria das vezes essa escolha é difícil pelo desconhecimento epistemológico.

Assim, com a dificuldade de o professor delinear e executar uma pesquisa científica, o estudo da epistemologia possibilita uma formação para além do conhecimento técnico da pesquisa encontrado em diversos livros de metodologia científica.

A formação do pesquisador com enfoque epistemológico permi-

te uma construção filosófica do conhecimento e a abertura de leque de opções e de alternativas de pesquisa por meio de uma lógica interna que preserva o rigor do processo científico (SANTOS FILHO, 2013) instigando o analisar sua realidade.

Quando o professor pesquisador adquire uma postura investigativa pautada na epistemologia, ele compreende o que é produzir conhecimento científico e quais são suas possibilidades. Claro que, ao adotar um enfoque, o pesquisador precisa ter clareza das limitações e das implicações da sua escolha (SANTOS FILHO, 2013). Nesse processo, a epistemologia direciona o professor pesquisador no seu percurso metodológico favorecendo a escolha de caminhos para o ato de conhecer. Assim, a pesquisa técnica que reduz a problemática de pesquisa pode ser superada com a formação epistemológica do professor pesquisador (GAMBOA, 2012).

A filosofia e as ciências humanas são interdependentes, porque para compreender como se conhece um objeto precisamos recorrer aos pensamentos filosóficos que foram se construindo no decorrer da história e que direcionaram a produção científica (JAPIASSU, 1991). Neste capítulo, adotamos a hermenêutica filosófica para demonstrar possibilidades de seu uso na pesquisa em Ciências Humanas.

POSSIBILIDADES DE USO DA HERMENÊUTICA GADAMERIANA NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

A construção do pensamento passa, necessariamente, pelo processo de pesquisa científica. Esse é o primeiro passo para se chegar a um referencial teórico sólido e confiável. Porém, antes de qualquer coisa, é preciso estudar as várias obras e autores que tratam do tema/problema em questão. Só assim é possível ter uma interpretação fiel dos conteúdos produzidos. É importante ressaltar que esse conhecimento não deve ser

fechado: ele deve ser constantemente questionado e revisado, pois a pesquisa científica está sempre em construção.

Desse modo, é necessário que a pesquisa e leitura produzidas na academia devam se pautar por muito cuidado e zelo com tudo o que fora transposto ao papel por terceiros, indo além da codificação daquela língua perante a ortografia e sua assimilação quanto à gramática, ortografia, colocações pronominais, concordância e regência nominal dentre outras, chegando ao contexto da situação, lugar e época em que aquilo fora produzido. Na articulação entre o que se lê e o que se compreende, há um longo caminho necessário em que a pesquisa epistemológica nos faz entender que a hermenêutica é uma importante ferramenta útil para tudo em torno da produção do conhecimento em detrimento de suas várias etapas, destacando-se os processos filosóficos, ideológicos, temporais e até costumes e/ou crenças de uma determinada época, região e/ou país.

Concordamos com Bourdieu (2004) quando afirma que a postura do investigador deve ser de dedicação a um ofício, porque pesquisar é um ofício e todo ofício é trabalhoso. Segundo ele, pesquisar é um processo investigativo que exige do pesquisador uma apropriação de conceitos e teorias em relação ao objeto a ser pesquisado e em relação ao como se faz uma pesquisa.

É uma tarefa que exige compromisso, determinação, disposição, tempo, é um ofício que exige responsabilidade e muito gosto pela descoberta e pela transformação do conhecimento e da sociedade, ou seja, contribuindo para melhorar o caminho do conhecer intervindo nas relações do campo (BOURDIEU, 2004).

No campo da educação surgem as relações sociais a partir das quais são gerados os discursos veiculados pelas palavras. Por meio delas é que as ideias circulam e as pessoas dão sentido ao modo de vida da so-

cidade, esses discursos são permeados de visões políticas, econômicas e culturais (COSTA, 2016).

Neste contexto, um exemplo muito prático é sobre o conceito da importância do resgate do ensino religioso ou Educação Moral e Cívica nas escolas primárias. A questão é que nos depararmos, mesmo em tempos de governos tidos como sendo laicos, com autores de cunho ideológico mais propensos à esquerda notadamente serem críticos ferrenhos a tal processo, enquanto que os da linha do pensamento direitista serem amplamente a favor de, inclusive, tornarem esse ensino obrigatório.

Logicamente, o raso exemplo foi utilizado mais como amostra simples de como deve se dar a leitura de uma produção e seu respectivo autor, passando do campo da formulação do pensamento para a hermenêutica contida nas entrelinhas daquela produção. Os discursos estão presentes nas escolas, nas universidades e em todos os espaços educativos e são objetos de pesquisa em ciências humanas. Hermeneuticamente falando, a compreensão se processa a partir da interpretação desses diálogos.

Quando relacionamos discurso e ideologia percebemos que a ciência tem um papel crucial no desenvolvimento do homem e da sociedade. No entanto, ao fazer da ciência uma manifestação de debates ideológicos, ela perde o foco de se estabelecer enquanto ciência e produzir mudanças que direcionam a sociedade para um caminho de progresso. “A importação dos modelos políticos para do campo científico [...] impedem o desenvolvimento das trocas racionais.” (BOURDIEU, 2004, p. 66).

Por outro lado, a ciência não pode ser tomada por discursos ideológicos. Portanto, o professor pesquisador precisa ter cautela no discurso que produz para ser transmitido como ciência, visto que hoje, com a crise moral e ética vista, é necessário um pensamento crítico em relação à atualidade.

A contribuição desta ciência perpassa por muitas etapas e encontra na filosofia essa reflexão necessária à produção do conhecimento:

A filosofia sempre teve em seu seio reflexivo o problema acerca do conhecimento, ou em outras palavras, o conhecimento enquanto um problema. O discurso filosófico emerge através do empenho racional na busca por determinar as representações do real (conhecimento), e ao mesmo tempo de questionar se a razão é capaz de conhecer tudo aquilo que é tido por real, que nos leva a refletir incessantemente se estas são realidades com naturezas distintas. (MIRANDA, 2016, p. 11).

Na educação não seria errôneo dizer que o processo de leitura de diversos autores, para formar determinado referencial para estudo do objeto de investigação/pesquisa, teria que se basear de fato em análises que transpassem o simples decodificar linguístico da obra chegando ao cerne hermenêutico do que fora produzido.

Mais do que isso é o fato de utilização/encaminhamento do processo epistemológico e hermenêutico para aferir a realidade das pesquisas de campo sob o crivo do estudo minucioso das respostas dos entrevistados, inclusive se atentando para a maneira de gestos, tons de voz e expressões produzidas a cada resposta dada, aspectos esses intimamente ligados à hermenêutica.

Nesse sentido, fundamentado nas ideias e concepções de Hans-Georg Gadamer do livro *Verdade e Método* (2005) e na Dissertação de Mestrado de Daniel Carreiro Miranda (2016), discutimos o uso da Hermenêutica para a busca do conhecimento científico em prol da produção acadêmica.

A hermenêutica Gadameriana é uma excelente ferramenta para quem deseja realizar pesquisas em Ciências Humanas. Ela nos ajuda a compreender melhor os textos e, conseqüentemente, os autores que escreveram sobre determinados assuntos. Além disso, ela nos permite

interpretar de forma mais ampla os conceitos abordados na pesquisa, o que pode contribuir para um maior entendimento do tema. É uma ótima maneira de enriquecer o trabalho acadêmico e obter resultados ainda mais satisfatórios.

Enfim, um dos recursos metodológicos que pode ser utilizado nas pesquisas em ciências humanas é a hermenêutica, pois ela auxilia na interpretação e na compreensão do discurso. A escolha da apresentação desta corrente epistemológica para este fim foi devido ao conhecimento prévio adquirido na apresentação de um seminário sobre essa temática no decorrer da disciplina do Doutorado citada no início deste capítulo, por autores deste estudo.

Sabe-se que a hermenêutica surge na antiguidade como a arte de interpretar textos literários, bíblicos e filosóficos buscando interpretar as palavras no seu sentido literal. A partir de Friedrich Schleiermacher, a hermenêutica passou a ser usada para interpretar o sentido de qualquer texto falado, escrito ou desenhado. Tendo origem na Grécia, a Hermenêutica (*hermeneuein*) é conhecida como a filosofia da interpretação, sendo associada ao deus Hermes, que traduzia tudo o que a mente humana não compreendesse.

Esta divindade grega era chamada de “deus-intérprete” e sua ação junto aos intelectuais e formadores do pensamento remonta a este período da Grécia antiga, porém, esta filosofia alcançou grandes aperfeiçoamentos na tradição judaico-cristã, com a tradução e a exegese dos textos bíblicos redigidos em aramaico, hebreu e grego, dando origem a Hermenêutica Bíblica, Hermenêutica Filológica, Científica, Aplicada, Fenomenológica, Jurídica e Cultural.

Seguindo essa linha de ênfase hermenêutica, a busca pela interpretação idônea do que obras e autores produzem, fazem da hermenêutica

um instrumento de muita valia na produção acadêmica. Ela possibilita compreendermos uns aos outros, compreendermos o que o outro fala ou escreve, não no sentido literal da palavra, mas o sentido individual de quem fala ou escreve (GADAMER, 2003). O pesquisador busca a compreensão da realidade a partir da compreensão do seu objeto de pesquisa. Por isso, um dos primeiros passos do trabalho de qualquer pesquisador é a elaboração do projeto de pesquisa.

Nesta linha reflexiva, buscando representar o real, questiona-o enquanto parecer não o tendo propriamente como produção científica, até que sejam esgotados todos os questionamentos possíveis acerca de tudo que o cerca. Segundo Miranda (2016), tal questão levantada trata-se da questão central da problemática epistemológica, que possui como principal norte averiguar se há alguma relação entre o real e as representações produzidas sobre ele.

Completa Miranda (2016) que, havendo alguma relação, cabe à epistemologia determinar qual é a sua natureza e do contrário, determinar a razão porque não há. Portanto, acrescenta ainda que a tarefa a ser desempenhada na pesquisa em voga não se distancia da questão epistemológica, uma vez que nos propusemos a tratar da relação entre ideia e realidade, contudo sob um prisma diferente: sob a perspectiva hermenêutica.

O projeto de pesquisa é uma ferramenta norteadora do processo de investigação do pesquisador, é uma produção intelectual, é uma ferramenta guia que, ao ser redigido, traz clareza à proposta de investigação, define teorias de suporte e estratégias de estudo (GOMES; MINAYO, 2016) para a compreensão da realidade.

Sabe-se, porém, que muitos pesquisadores iniciantes têm dificuldades para elaborar um projeto, talvez pela dificuldade técnica e/ou teórica visto que é uma construção sistematizada e exige conhecimentos sobre

o assunto. Além de permear toda construção de projeto de pesquisa, a hermenêutica está presente ao longo do desenvolvimento da pesquisa em ciências humanas.

A elaboração do projeto de pesquisa começa pela construção do objeto de pesquisa, ou seja, primeiro define-se o tema, problematizando-o para chegar a uma pergunta central (problematização). Em seguida, criam-se as hipóteses consideradas pertinentes para resolver o nosso problema, define-se os objetivos a serem alcançados e elaboram-se a metodologia (classificamos a pesquisa, escolhemos o método, o campo de pesquisa, os colaboradores da pesquisa, forma e instrumentos de obtenção de dados, tipo de análise dos dados e cronograma). A hermenêutica Gadameriana oferece possibilidades de uso na pesquisa em Ciências Humanas, pois ela fundamenta-se na ideia de que o conhecimento é sempre construído a partir da interação entre o sujeito e o objeto estudado. Essa perspectiva permite uma visão mais ampla e crítica dos fenômenos sociais, contribuindo para um maior entendimento das relações humanas.

Concordamos com Gadamer (2005) quando ele diz que perguntar é mais difícil do que responder. Quando o professor pesquisador vai elaborar sua questão de pesquisa, a pergunta é o ponto de partida para a construção do projeto de pesquisa “Sendo essencial que ela tenha sentido, o sentido da pergunta é, pois, a única direção que a resposta pode adotar se quiser ter sentido e ser pertinente.” (GADAMER, 2005, p. 473).

Além da pergunta de pesquisa, a hermenêutica permeia: a revisão do estado da arte para a fundamentação do projeto de pesquisa, a elaboração de entrevistas e a análise dos resultados de pesquisa qualitativa.

No campo de pesquisa em educação encontramos uma série de problemas como desvalorização dos professores, problemas estruturais das escolas, problemas pedagógicos e sociais. Os diálogos acontecem nes-

se contexto e, para compreender e interpretar esses diálogos, utilizamos a hermenêutica. Afinal, “[...] ser que pode ser compreendido é linguagem.” (GADAMER, 2005, p. 612).

O principal fundamento da hermenêutica é a interpretação do discurso, é compreender o que está sendo dito pelo outro na visão do outro. Ela possibilita interpretar fielmente a intenção do autor guardadas as circunstâncias de sua escrita ou fala. Sendo assim, o recurso hermenêutico colabora muito com o pesquisador desde a construção do projeto até a produção escrita do seu trabalho científico.

Nesse sentido, analisando a pesquisa em Educação, amparada por estudos da historicidade da hermenêutica enquanto guia para a real interpretação do conhecimento, depara-se com a necessidade de buscar, de forma hermenêutica, autores que contribuíram para o avançar científico do tema ao longo do tempo, destacando-se Hans-Georg Gadamer, principalmente na obra *Verdade e Método*.

Miranda (2016) salienta que Gadamer eleva a reflexão hermenêutica a uma liberação do caráter metodológico, marcadamente influenciado pela comparação entre a metodologia das Ciências da Natureza com a metodologia das Ciências do Espírito, levando esse embate para um campo de orientação estritamente filosófico. Certo é que, resgatando o início da Hermenêutica com o deus grego, Gadamer esclarece, com clareza, o fato de que a função desempenhada pelo mensageiro mítico é mais do que a troca de informações, significa mais, pois o mensageiro mítico realiza a ação de decodificação, ou seja, são sujeitos buscando entender o significado das informações transmitidas.

Nesse sentido, a hermenêutica foi vista inicialmente como uma técnica utilizada como ferramenta para a melhor interpretação de assuntos precisos, revelando obscuridade e revelando significados “verdadei-

ros”. Nesse contexto, a hermenêutica é instrumental e, em sua meditação sobre a realidade, tem em seu cerne as polaridades de sujeito e objeto.

No entanto, Gadamer renova esse processo fazendo-o vir de encontro à filosofia contemporânea, passando da análise interpretativa para a razão e sentido desraigado de concepções ideológicas. Essa é a inovação que Hans Georg Gadamer traz à contemporaneidade através de sua hermenêutica filosófica:

[...] o que queremos dizer é que o sentido daquilo que se oferece à nossa interpretação não se revela sem mediação, e que é necessário olhar para além do sentido imediato a fim de descobrir o verdadeiro significado que se encontra escondido. Essa generalização da noção de interpretação remonta a Nietzsche. Segundo ele, todos os enunciados provenientes da razão são suscetíveis de interpretação, posto que o seu sentido verdadeiro ou real nos chega sempre mascarado ou deformado por ideologias. (GADAMER, 2003, p. 19).

É aqui, portanto, que amparado nos estudos desta dissertação envolta em Gadamer que este capítulo ratifica que a produção científica encontra na hermenêutica, principalmente acostada na hermenêutica filosófica, o amparo para a produção real, advinda da interpretação fiel dos fatos, na observação de todas as nuances que estão envoltas em determinada obra, autor ou pensador, concernindo-lhe identidade, porém, conhecendo tudo o que o cerca (autor), para entendimento fiel do que está sendo dito e produzido no tempo (importante análise dos costumes temporais), inclusive os aspectos de linha do pensamento e ideologias que integram a personalidade deste indivíduo à frente de sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse capítulo nos permite a elaboração de um raciocínio epistemológico necessário na formação do professor pesquisador. Para ser um bom professor pesquisador, é necessário conhecer as principais teorias

filosóficas sobre o conhecimento, a verdade e a ideologia. Isso nos permite refletir criticamente sobre essas questões e desenvolver um raciocínio crítico sobre o nosso próprio conhecimento.

Compreender as teorias produzidas por filósofos importantes é essencial para realizar uma boa pesquisa em Ciências Humanas. Elas nos possibilitam uma visão mais ampla sobre o objeto de estudo e contribuem para o desenvolvimento de uma metodologia adequada.

O passeio pelas teorias filosóficas é sempre enriquecedor e nos proporciona uma melhor compreensão da realidade. É um exercício fundamental para quem quer se dedicar à pesquisa em Ciências Humanas, o que auxiliará muitos estudantes que enfrentam o desafio de se formarem pesquisadores.

Desta maneira, não há que se ter como incontestes nenhuma verdade como absoluta antes da busca por esse conhecimento do que realmente foi dito e por quais razões houve essa afirmação, antes verificando a idoneidade de tudo o que cercou a produção daquele conhecimento, indo ao encontro de concepções pessoais do autor, inclusive.

Fato percebível na pesquisa de campo, por exemplo, pois, conforme introdução deste rápido estudo, a resposta a uma indagação formulada ao entrevistado, não há que se fazer friamente, senão utilizando-se de entender todas as particularidades envolvidas na própria produção de resposta por parte daquele, desde os gestuais até o tom de voz, o que nos dirá muito para a formatação final do que se foi proposto a responder e do que foi propositadamente respondido de forma não idônea ou irônica adiante de que, o pensamento daquele é totalmente contrário ao formulado, porém, este não quer dar esse entender.

Nesse contexto, a hermenêutica de Gadamer nos mostra a importância vital de a interpretação ser muito mais complexa e muito mais

abrangente e que, dada ênfase a essa questão, transformará a produção científica muito mais completa e rica. Miranda (2016 ratificou esse processo em Gadamer, restando claro a necessidade imperiosa de se utilizar a hermenêutica como ponto de partida para a produção acadêmica de forma que o objeto e a resposta ao problema sejam embasados na realidade afastada de tudo que seja subjetivo e/ou provindo de convicções pessoais ou de um grupo específico.

Na produção científica não cabe achismos e ou ideologias, pois ela deve se apoiar na fiel interpretação da realidade a ser discutida e repensada com base em fazer ciência, nada mais sendo do que a busca pela realidade apartada do que não está verdadeiramente em sua órbita, ou que, ao invés de cientificidade, acabe regerando empirismo e em consequência, a contestação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Acesso em: 03 jun. 2022. Disponível em: <https://onlinecursosgratuitos.com/24-livros-de-aristoteles-para--baixar-em-pdf/>

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

CAVALCANTI, A. de S. Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 983-998, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WhQbRXcSv5zb4Gb6F9X7LJ-d/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

COSTA, L. R. Ideologia e divulgação científica: uma análise bakh-

tiniana do discurso da revista Ciência Hoje. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**.v.11,n.2. São Paulo, p. 33-51, maio/ago. 2016. Acesso em: 18 de mai.2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23536>

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2012.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1991.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/09/kant-critica-da-ra-zao-pura.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MARCONDES, D. **Textos básicos de Filosofia dos Pré sócráticos a Wisttegenstein**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MIRANDA, D. C. **A História da Hermenêutica: uma reflexão a partir do conceito de tradição**. 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A9ZR54>. Acesso em: 12 jun. 2022

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. (org.). **Pesquisa**

educacional: qualitativa - quantitativa. 8. ed. v. 46. São Paulo: Cortês, 2013. Disponível em: [http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/18352/material/Cap.3.Gam-boa.Pesquisa.p df](http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/18352/material/Cap.3.Gam-boa.Pesquisa.pdf). Acesso em: 29 jun. 2022.

GOMES, R.; DESLANDES, S. F.; MINAYO, M. C. (org.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criativa. Petrópolis: Vozes, 2016.

PLATÃO. **A República.** Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-repc3ba-blica-platc3a3o-fcg-5c2aa-ed-1987.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

ZAGZEBSKI, L. O que é conhecimento. In: GRECCO, J.; SOSA, E. (org.). **Compêndio de epistemologia.** Trad. Alessandra Siedschlag; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 153-159.